

Jornal das Senhoras - Tomo V. - 5 de fevereiro de 1854 - Edição 6

Link: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&pagfis=1019>

3º ANNO.

TOMO V. — DOMINGO, 5 DE FEVEREIRO DE 1854.

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina da capa.

MODAS.

De todos os cuidados que exige o *toilette*, o mais agradável, o mais natural, o mais simples, é o banho, que além disso é o que exerce sobre a saude uma influencia mais immediata.

Não penseis, minhas leitoras, que este princípio é filho de minha cachola; — é de uma grande penna franceza, de uma cabeça gigante, de um poeta sublime. E` desse homem que as mulheres de Pariz, quando o vião nos salões, apenas dizião, para fazel-o conhecer, esta simples frase — lá está elle! Em uma palavra: é de A. Lamartine, o cantor do Jocelyn.

Agora vos direi porque comecei este artigo com esta citação: é porque, querendo fallar-vos dos banhos de mar, demonstrei com ella que posso fazel-o; —porque, vos provando que os banhos são elementos do *toilette* com a autoridade da opinião que citei, vos provo por consequencia tambem que elles são materia de minha competencia.

Falta, para completar esta introdução, dizer-vos que as idéas que vou exprimir não são propriamente minhas, mas sim todas em escriptos de pessoas habilitadas para fallar da hygiene e da *propreté*.

De já vos digo, que vou aconselhar-vos que visiteis a barca de natção, ha tão pouco tempo construida; a Ilha da Pombeba; alguns logares da Ponta do Caju; a Praia do Flamengo, em certas manhãs, e encontrareis ahi excellentes banhos de mar, que vos farão experimentar uma satisfação, que bastará para provar-vos os seus beneficos resultados.

Os banhos, por isso que têm a força de abrir os póros, acelerão a circulação, facilitão e augmentão a transpiração, e limpão a pelle de todas essas *escamas*, por assim dizer, que cobrem a epiderme de nosso corpo.

Os banhos frios são tónicos, quando a immersão é completa e subita: é perigoso entrar gradualmente, porque o frio repelle o sangue para as extremidades, — para o cerebro por exemplo: elles porêem não convêem á velhice, ás constituições fracas, ás pessoas habituadas á uma vida sedentaria, nem aos peitos delicados; porque a reacção não podendo operar-se, o calor não se restabelece senão com difficuldade.

Faço-vos notar finalmente certos; preceitos muito conhecidos: quando se quer tomar um banho frio, é preciso absolutamente ter o corpo descansado e a digestão feita; que não se fique mais de uma hora n'agua, e que se enxugue cuidadosamente para tirar do corpo toda a humidade, e livrar a pelle de tudo que della se destaca pela acção d'agua.

Não me chameis de pedante por vos ter fallado medicamente sobre os banhos. Como os aconselhei, quiz fazer acompanhar ao meu conselho

certas instrucções, para que nunca vos queixasseis de mim.

Passarei agora á outro ponto.

Não vos fallarei dos *toilettes* que forão ao *Campestre* de 26 de Janeiro, porque não podendo descrevel-os todos por falta de tempo, não quero que as donas daquelles que eu não mencionar fiquem zangadas commigo. Comtudo, me é impossivel deixar de fallar de passagem no *toilette* de uma mocinha de minha idade, que reunia o bello, a graça e o simples. Estava penteada á *Eugénie*, sem grinalda; trajava um vestido branco sem enfeite algum; tinha um *bouquet* de violetas, e uma pulseira esmaltada de verde no braço esquerdo.

Trajando tão simplesmente, foi o unico *toilette* que eu invejei, porque a cingia de uma graça inexprimivel.

Assim pois vou entreter-vos com uma questão de *modas* que hontem discutiu-se no meu quarto.

Eramos umas doze moças: formou-se logo uma assemblea, com todos os *estyls* parlamentares, e fui acclamada presidente, não sei se por ser dona da casa, ou se por influencia

real. O que sei é que fui abrindo a sessão, e dando para ordem do dia esta these: —Se os homens devem fazer da *moda* uma arte, como fazem as mulheres.

A discussão foi animada e longa; e, como não tenho mais espaço hoje, ficará para o domingo seguinte: ao mesmo tempo aviso assim ás minhas leitoras, afim de que estudem a materia para poderem julgar com acerto dos discursos que houverão.

Sobre a gravura que vos apresento, não tenho nada a dizer de mais do que ides ler na descripção que a acompanha.

Ritinha.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

TOILETTES DO PASSEIO.

1.º — Chapéo de blonde branco e veludo *épinglé*: abas presas por um grande laço, em forma de gravata, de fita larga de pontas volantes: cabello penteado em tres ordens de canudos transversaes: trança amarrada muito em baixo.

Vestido de *moire antique*, preto, liso.

Pardessus duchesse de Brabant, de veludo azul-ferrete, guarnecido de renda *guipure* preta, ornado de botões de *passementerie*.

2.º — Penteado de bandós fofos, ondedos e voltados para cima.

Vestido de tafetá verde-claro: corpo afogado, de bico, e de basquine. A basquine não vem fechar adiante, ella deixa apparecer todo o bico; e o corpo é todo enfeitado de cima abaixo de alamares e *passementerie*: a mesma *passementerie* enfeita tambem a basquine e volta adiante acompanhando os alamares.—E' muito engraçado este novo feitio; finge perfeitamente um paletot sobre um collette.

As mangas são lisas o justas em cima; mais abaixo fórmão um fofo, e depois uma manga-pagode. As prisões do fofo e da pagode são enfeitadas da mesma *passementerie*.

Collarinho de cambraia lisa *à la chevalière*, preso (reparai bem) por quatro pequenos botões em duas correlilinhas de ouro.

Sub-mangas de cambraia formando um grande fofo com um largo punho liso.

3.º—Penteado de cabellos em grandes canudos soltos; trança cingindo a corôa da cabeça.

Vestido de tafetá verde-mar: saia enfeitada com fitinha de veludo formando uma barra de listras progressivas, de cima á baixo.

Corpo de basquine, aberto adiante, apenas çonchegado pela prisão de tres pequenos alamares de veludo preto: mangas-pagode, estreitinhas, curtas, e fendidas pelo lado de dentro.

O corpo e as mangas são enfeitados de uma guarnição ligeira da mesma fitinha e botões de veludo.

Camisinha e sub-mangas, em tres ordens, de renda *maline*.

A DESDITOSA.

ROMANCE.

I.

O vento Sul soprava com horroroso gemido ao longo da costa, e suas fortes rajadas apagavão por momentos os raios formosos do sol, que friamente se envolvia nas espessas camadas de negras nuvens. O mar estava encapellado, e rugindo com terrível bramido vinha em turbilhão de negras ondas quebrar-se sobre as praias solitárias da ilha de S. Miguel.

Junto a um dos rochedos escavados, de que abunda esta ilha, estava sentado debaixo de um copado pinheiro um velho de estatura gigantesca, porém curvado ao peso dos annos; olhos azues claros, cabellos brancos, e uma longa barba, alva como um jasmim: á seu lado um bello mancebo, de presença agradável e intelligente physionomia, altura regular, mas elegante, olhos pardos, largos hombros, buço fino e preto, membros bem desenvolvidos e regulares, que com meio corpo

deitado sobre o rochedo, apoiava a cabeça em uma das mãos, e com a outra afagando a sua barba, silenciosamente escutava o velho.

Um viajor incognito, que fugindo da tempestade procurava um abrigo debaixo de alguma arvore, apesar do grande capote de borracha que o envolvia, descobrindo o mancebo e o velho tão placidos a conversarem, não pôde reprimir o desejo de descortinar aquella conversação, na qual previa algum destes mysterios que paixão desapercibidos aos olhos do mundo.

Com toda a precaução empregada, pôde o desconhecido aproximar-se do pinheiro, sem que fosse visto pelos conversadores solitarios, e com toda a curiosidade dispoz-se a não perder uma só palavra do dialogo.

— Ora, Sr. Manoel, não fallemos por agora da eternidade; deixemos que os sabios pretendão descortinar a obra de Deus; e conversemos antes a respeito de uma celebre historia, que teve logar nesta ilha, e que, por sempre ter sido mal informado, ardo em desejos de sabel-a.

— Mas, meu filho, tantas historias se contão, e tantas se succedem, que me vejo embaraçado para saber qual seja a que desejais que vos refira....

— Fallo-vos daquella que teve logar o seu desfecho no anno de 1840....

— Não sei, meu filho, porque, em vez de proseguirmos na nossa conversação sobre a vida eterna, desejais que vos conte uma historia!

— Meu amigo, é que fallando-se do outro mundo na occasião em que ribomba o trovão, cruzão-se os raios, e vai chover a cantaros, me parece que já nos estamos encommendo a Deus.... Sendo todo triste o assumpto que tinhomos trazido á discussão, e triste a natureza, torna-se-me insipido e insupportavel o coração. Vós sabeis que abomino as cousas melancolicas; que meu genio é alegre e jovial; portanto, peço-vos cousas que não só me deleitem, mas que me enthusiasmem a alma....

— Tens razão, Julio; não é na tua juvenil mocidade que se deve fallar dos deleites do paraíso e da immortalidade d'alma!... Vós, mancebos ardentes, só anhelais que vos narrem casos alegres, e sobretudo uma vida folgada e gasta no meio dos bailes e da dissipação: suspirais e vos alegrais quando em uma aventura entrão bellos feitos e acções heroicas; vossos corações se dilatão de prazer quando dous gladiadores, esgrimindo no campo em favor da dama da vossa affeição, dão um desses golpes que decidem da victoria: despresais às cousas que se vós mostram claras como a luz do dia; e prezais aquellas que estão envolvidas com o véo das trevas: gostais do amante, que depois de passar mil trabalhos, e fazer mil sacrificios, consegue a escolhida de

seu coração. E no entretanto que o vosso pedido me veio despertar uma dor bem profunda, e sangrar uma ulcera que a mão poderosa do tempo havia cicatrizado á custa de muitas lagrimas que hei vertido.... mas... releva, Julio, a minha cabeça desvairada, e a este impulso do coração que não tive forças para conter....

« Apesar da emoção de que me sinto accommettido, vou, para satisfazer-vos, dar principio á essa penosa narração, que procurava sepultar em meu coração, da mesma maneira que o avarento, desconfiando da segurança de suas riquezas, as encerra em um cofre de ferro, e vai escondel-as no seio da terra, para fazel-as desaparecer da vista dos homens.

« Por uma bella tarde do mez de Novembro do anno de 184... o Céu estava claro e sereno, e, além do azul que matiza o firmamento, nenhuma outra nuvem se via: o sol já declinava bastante para o Occidente procurando repouso das fadigas do dia, e seus raios luminosos ainda douravão o cume das altas montanhas: a brisa cheia de perfumados odores soprava docemente; o mar estava um pouco agitado; mas a natureza estava tranquilla: á amarra e meia de distancia do porto estava fundeado o lindo vapor que tinha de levar a seu bordo para a Universidade de Coimbra um bello e elegante mancebo de que adiante fallaremos.

(*Continua.*)

MULHERES CELEBRES.

C

(Continuado do n.º 5.)

CONSTANÇA GUIMARÃES DA ROSA, poetisa; nasceu no Rio de Janeiro em 1737, morreu em Portugal em 1769. — Ha na Torre do Tombo um pequeno volume manuscripto de pensamentos e ligeiras poesias dessa Fluminense.

CONSTANÇA FREIRE E SOUZA, Portugueza instruida em linguistica, philosophia, mathematicas e historia. Escreveu: *Epitome historico dos infantes de Portugal; Catalogo das mulheres sabias; Vida de Santa Clara de Viterbo*, em latim.

CONSTANÇA GRIERSON; nasceu em Irlanda em 1706, morreu em 1753. Versada na litteratura grega e latina, em historia, theologia, jurisprudencia e philosophia, compoz muitos versos em inglez, e traduziu diversas obras.

CONSTANÇA MENDES DE SOBRAL, Portugueza, hellenista. Sabia o grego, e escreveu: *Rosa sem espinhos*.

CONSTANÇA DE VARANO, neta e discipula da famosa *Baptista de Malalesta*, de que já fallámos: distinguu-se como oradora. Nasceu em 1828, morreu em 1460.

CORINNA; tres forão as *Corinnas* poetisas, a mais illustre, porém, foi a vencedora de Pindaro, o grande poeta, e que por isso denominarão a *Musa lyrica*; era natural do Tanegre (Beocia). Deixou cincoenta livros de epigrammas e *Preceitos para a composição dos versos lyricos*:

— 44 —

seus compatriotas collocarão no Gymnasio (escola publica) uma estatua em seu louvor.

CORNELIA, filha de Seipião-Africano e mãe dos Gracehos. O saber eminente desta mulher fel-a educar brilhantemente seus filhos, do que ella se orgulhava, e com justa razão. Uma senhora da Campania, vaidosa pelas riquezas que possuia, mostrou a Cornelia todas as suas joias, e depois pediu para ver as da sua amiga; esta, chamando seus filhos e apresentando-os, disse-lhe; « Ahi estão os meus brilhantes, e todos os meus ornamentos! » — Psyscon, rei da Libya, vendo-a, em Roma, desejou obtel-a em casamento, ao que ella negou-se, respondendo: « E' mais glorioso o ser viuva de um distincto Romano, do que rainha da Libya! » Em sua vida elevarão-lhe uma estatua de bronze com a inscripção:« CORNELIA, MATER GRACCHORUM. »

CORNIFICIA, irmã do poeta Cornificius; igualou-o em todo o genero de poesia. — A *sciencia*, dizia ella, *é o unico dom independente da fortuna*.

CYMANE, irmã de Alexandre Magno, guerreira inclita. Achou-se em tres batalhas, e nellas fez prodigios espantosos: ahi, onde venceu Ceria, tambem valente guerreira, e chefe dos Illyricos, ahi, onde com a espada em punho derrotou as tropas de Antipatro, encontrou Cymane a morte do soldado, que verte o sangue a prol da patria.

Eternisarão seus nomes como poetisas: D. *Castellosa* (nasceu em Auvergne no seculo XIII), *Clara d'Audaze*, *Claudia Rufina* (ingleza), *Claudia Vivonne*, *Catharina des Roches* e *Cornelia Adricamia*; como poetisa e dramaturga: *Catharina Lescaille* (nasceu em Amsterdam em 1649 morreu em 1711); como escriptoras: *Carolina Pickler* (nasceu na Allemanha em 1760, morreu em 1843), e *Catharina de Portugal*: como escriptoras mysticas: *Catharina de Santa Anna* e *Catharina Tresqui*; como polyglottas: *Christina de Sá* e *Catherina Cybo*: como cantoras: *Catharina Gabrielli* (nasceu em Roma em 1730, morreu em 1796), e *Catharina Lemaure* (nasceu em Pariz em 1704, morreu em 1783); como philosophas: *Cornelia*, *Cerelia* e *Clea*; como guerreiras: *Catania* (Portugueza) e *Candace*; como actrizes: *Catharina Gaussin*, e *Catharina Cleve* (nasceu em Inglaterra em 1711, morreu em 1785); como pintora: *Clara Cezarea* (Flamenga); como pintora em esmalte: *Cadet*; e emfim como litterata profunda: *Catharina Bure* (nasceu na Suecia em 1602, morreu em 1679).

D

DAMATRION, Spartana; matou seu filho por ter elle fugido na batalha dada aos Messenianos pelos seus compatriotas.

DAMIGELLA TRIVULGE; de grande memoria e rarissimo talento, diz Perym ser superior em nomeada a Seneca e Temistocles. Suas orações e epistolas erão summamente doudas pelos conhecimentos philosophicos, linguisticos e photoricos que ella possuia.

DAMO, filha do philosopho Pythagoras tão sabia como espiritiosa. Foi á ella que seu pai confiou os segredos da philosophia, prohibindo-lhe que os publicasse: na indigencia, soffrendo o amargor da fome e todas as privações, *Damo* observou inviolavelmente a vontade paterna, quando poderia passar á opulencia vendendo aquelles mysterios!

DEA DE BARDI, freira, poetisa; nasceu em Florença no XV seculo: elogia-se sobremodo a sua canção intitulada: — *In morte d'una ghiandaja*.

DEBORA, juiza e prophetisa; governou os Hebreos por espaço de 40 annos, e livrou-os do dominio de Jabin, rei dos Canéos.

DEMOPHILLA, companheira de Sapho, e como ella poetisa: escreveu dous bellos poemas.

DEMONICE, donzella de Epheso: vendeu sua patria a Brennus, rei dos Gaulezes, com a condição de se lhe entregarem todas as pulseiras das outras mulheres. Breunus, senhor de Epheso, ordenou aos seus soldados que lhe atirassem ao rosto todas as joias de ouro e prata que fossem encontradas, e ella morreu aos golpes da terrivel lapidação.

DERBY (condessa de), mulher de Jacques Stanley; depois de ter soccorrido Lathan-House, dirigiu-se á ilha de Man, d'onde desafiou os regicidas usurpadores, e recusou submeter-se a Cromwell, que a teve prisioneira até Carlos II subir ao throno; morreu em 1664.

DESMOND (condessa). Walpole, depois de escrupulosas pesquisas, dá a esta mulher 145 annos de existencia! Exemplo notavel de longevidade!...

DEUTERIA, amante de Theodeberto, rei de Metz. O bem e o mal aqui se reúnem, nestas resumidas paginas de celebridades...: ao lado de tantas heroínas apparece ás vezes um monstro como *Deuteria*, que mandou precipitar sua filha do alto de uma ponte ao seio do caudaloso rio, por ella ser mais bella, e talvez para o futuro roubar-lhe o amante!

DIAMANTE TAINI, poetisa; nasceu em Savallo, morreu em 1770. Escreveu: *Sonetos, estancias e cartas*.

DIANA DE POITIERS, duqueza de Valentinois e amante de Francisco I; nasceu em 1500, morreu em 1566. Sua beleza e espirito grangeáram-lhe a admiração dos contemporaneos, e transmittirão sua memoria á posteridade. Amiga intima dos artistas, e principalmente dos poetas empunhou a penna e escreveu algumas poesias, uma das quaes Alexandre Lenoir copiou na sua *Descrição do Museu*.

DIBUTADE. No *Diccionario historico, biographico e critico*, encontrámos este bello artigo que aqui fielmente traduzimos: « Joven de Sycione imaginou suavisar os rigores da ausencia do objecto amado prestes a separar-se della, traçando na parede a sua sombra, que representava-lhe o perdi á luz de uma lampada: tal foi, dizem, *a origem da pintura*. Seu pai, louceiro fabricante admirando a idéa da filha, applicou esses traços ao barro, e guardando todos os contornos fez coser ao forno o perfil de argilla: *d'ahi originou-se a escultura*. »

(*Continúa.*)

— 45 —

CORREIO DOS SALÕES.

Ando como o Judeu errante; quando quero parar ouço a voz do Jornal das Senhoras, que me diz — Caminha, caminha.

Cheguei hoje, e já amanhã recomeço a minha viagem á roda do *mundo fluminense*.

Tenho apenas algumas horas de descanso: vou pois abrir o sacco das noticias, que ainda não sei mesmo o que encerra.

Portanto, attenção, minhas leitoras. Imaginai-me cansado, empoeirado, ainda de botas de viagem, procurando nessa mala, *meu Cabrion*, alguma remessa, alguma carta emfim.

Eis a primeira; é um pedaço de papel cscripto por letra de moça. Vejamos o que diz.

« Henriqueta.

« Como me pediste que te contasse o baile campestre, vou satisfazer-te.

« Quando entrei no salão erão oito e meia: tocava-se a primeira quadrilha, e ninguem dançava! Já vês pois que essa frieza foi-me um prognostico de uma noite insipida: comtudo não perdi a esperanza de divertir-me, porque ás vezes o *Campestre* tem dessas exquisitices, e acaba maravilhosamente. Nesse dia porém não aconteceu isso: foi logico e coherente com o seu começo; quero dizer, foi constantemente frio, systematicamente insipido! Quando se tocava valsa, vião-se muito poucos pares percorrer aquelle bello salão tão teu conhecido, que tantas

vezes rodeámos levadas deliciosamente nessa carreira doce e cadenciada, creada na Allemanha pela necessidade poetica da agitação do corpo e do adormecimento d'alma.

« O mesmo acontecia quando a orchestra annunciava que se devia dançar a schotisch.

« Não sei á que attribuir a frieza desse baile! Havião bastantes moças; rapazes, não se falla, que é bicho que ha em *toda parte* com abundancia. E` verdade que grande parte erão familias novas: de sorte que ás vezes quero crer que foi o acanhamento que resfriou o baile.

« Dize á teu primo que lá estive aquella linda moreninha por quem elle morre, e que pareceu-me não ter sentido a sua falta; porque dançou a segunda contradança, e a terceira, que era a delle, com um só moço, á que pareceu presa toda a noite, apesar de que ella diga que seu coração nunca amou, nem lhe acha symptomas de começar a amar.

« Adeus. Até logo á noite, que espero encontrar-te no *Provisorio*: não pretendia escrever-te por isso; mas como passou por aqui *o correio dos salões* te remetto este bilhete, que não pagou porte porque está fóra da *tabella dos preços*.

« Tua *Elisa*. »

Vejamos o que ha mais na mala:

Esta é engraçada...! um vestido....! ah! não, é um domino negro, minhas leitoras: no bolso ha um pequeno artigo remettido á redacção do *Jornal das Senhoras*, a respeito do entrudo, uma especie de proclamação no estylo das que Napoleão fazia aos soldados do grande exercito.

Eil-a.

« O CARNAVAL.

« Fluminenses! O entrudo está proximo, provai ainda uma vez que sois as mulheres mais doces aos preceitos do *grande tom*. Esquecei esses usos do passado, sem graça e sem fundamento; não quebreis um limão de cheiro. Assim como seguís em vosso *toilette* o *granda tom* de Pariz, segui no carnaval o *grande tom* de Roma.

« Quereis divertir-vos?! Ide aos bailes *masqués*, ou mascarai-vos com elegantes *costumes* e visitai vossas amigas, como se visita nos tempos ordinarios; —vós tendes tantos recursos para *intrigal-as*, que o conseguireis sem esforços.

« Em uma palavra, *Iede Corina* de M. me de Stael, e brincai o carnaval como ella diz que se brinca em Roma. »

Agora, minhas leitoras, resta simplesmente o album de uma moça que lhe é remettido por um sугeito que eu não conheço, á quem ella havia pedido para escrever.

E' uma poesia grotesca, como ides ver; e, a não ter relação com a dona do album, não sei a razão por que o tal poeta a escreveu n'uma pagina desse livro tão bonito, que deu-me vontade de ficar com elle.

Antes porêr de vos apresental-a, tenho a dizer-vos que esse album foi-me dado por um rapaz, que vi-o no insipido baile da *Vestal* que houve ha poucos dias.

A poesia é esta:

« A VAIDADE DE UM VELHO.

« Minha neta vai catando,
Vai me dando cafuné:
E depois põe banha d'urso
Da casa do Desmarais.
« Meu avô, você de calvo
Já tem o casco pellado,
Compre a sua cabelleira
Se quizer ser penteado.

« Malcreada—preguiçosa!
Não tens medo das orelhas?!
Vou-te a ellas—como ás flores
Vai um enxame de abelhas.

« Meu avó, não seja tôlo,
Não seja assim tão vaidoso,
As moças não fazem conta
Senão de rapaz geitoso.

« És criança—não tens gosto
Inda não sabes amar:
Indaga das raparigas
Si eu não sou de enfeitiçar

« Meu avô, não diga asneiras...
Quem quererá seu amor?

— 46 —

Amor de velho não presta,
Que fede muito á bolor.

« Tu não viste hontem no baile
A joven com quem valsei?
Disse que eu era um *capeta*;
Toda a noile a namorei.

« Meu avô—aquillo é valsa!
Dançar lundù é valsar?!
E`joven—aquella velha
Que começa a caducar?!

« Se soubesses!... oh jurou-me
Que me amava como louca;
Exigi-lhe então a prova,
Deu-me uma fita da touca.

« Meu avô, isso é mentira,
Eu não creio sem mostrar:
Eu lhe peço e lhe prometto
Que lhe penteio á Stuárt.

« Não posso — não sou perjuro,
Jurei profundo segredo,
Dei-lhe em troca uma memoria
Que ella conserva no dêdo.

« A mocinha não pôde conter-se,
Foi-se embora a se rir p'ra contar:
E o caduco pensando em amores
A julgava que o estava a catar.

« Pouco a pouco se foi exaltando
A scismar esqueceu-se de tudo:
E fallou... e fallou tanto tempo,
Nem o somno e uma queda o fez mudo.

« Eu que estava na sala escondido,
Por detraz do piano a escutar,
Decorei o que o velho dizia:
Em segredo vou tudo narrar.

« Dizem que os velhos não amão,
Minha neta, — são mentiras;
Pois aquella *diabinha*
Fez-me o coração em tiras,
Ella deu-me n'um sorriso
Uma musa e duas lyras.

« Fez-me até melhor poeta
Do que o poeta Garret:
Fiz-lhe uma *ode* bonita,
Vais ouvil-a, vê se é;
Mas enquanto eu recital-a
Vai-me dando cafuné.

« Eu começo a descrevel-a
Pelas unhas de seu pé;
São rosadas, coradinhas,
Como a crista do *guiné*:
As faces são tão lustrosas
Como a pala do um boné.

« Os seus olhos são tão verdes
Como a côr do jacaré,
São tão grandes, e mais lindos
Que os olhos do caboré.
O seu corpo tão airoso,
Como a torre de uma Sé.

« E` seu collo arredondado
Como a fórma da coité;
O seu seio pulsa e bate
Como na praia a maré.
Tem um nome dulçoroso
— Custodia Benta da Fé.

« Sua voz é maviosa
Como—*si — lá—sol—fa—ré*:
Tem um som de uma corista
Cantando na *Macbeth*;
E me mata de ternura
Quando chama-me — Mané.

« O corpinho do vestido
Se parece com um jaqué
Mas a saia se assemelha
A' barra de um rodapé:
Ella me disse outro dia
Que era filha de Magé.

« Quero-lhe — mais do que á tarde
Uma chic`ra de café;
Que tomar de manhã cedo
Une prise de rapé;
Que dormir a minha sésta

Deitado n'um canapé.

« Como és bella e feiticeira
Viuvinha do Thomé —!!!
Dou-te tudo por um beijo
Honra, e bolça, a vida até.
Oh não és mulher,—és fada,
Não descendes de Noé.

« E o velho cochilou - cahiu de ventas,
Pedindo á neta ainda cafuné;
E dormindo — roncando como porco,
Sonhava que inda havia rima em — é.

« S. Paulo. Julho de 1855.»

X. Y.

Um banquete na côrte do imperador Domiciano.

Os usos e costumes daquelle tempo, embora passem pela desapprovação da gente de bom gosto, tinham ás vezes uma originalidade que lhes devia dar muita importancia e novidade entre a monotonia de um sem numero de cousas, que mesmo naquele tempo havião enfastiar.

Eis-aqui como Domiciano tratou os principaes senadores e cavaleiros que havia convidado para uma ceia.

Fez preparar um salão, cujo tecto, paredes e sobrado, era tudo preto: as cadeiras tinham a

— 47 —

mesma côr. Os convidados forão introduzidos no salão, sem se lhes consentir serem acompanhados pelos seus criados.

Primeiramente pozerão diante de cada convidado uma 16obres 16obressal, á semelhança 16obressa que se achão nos 16obress; em cada 16obres estava gravado o nome do convidado que lhe correspondia, e 16obr pendia uma alampada sepulchral! Jovens escravos nùs, e com o corpo todo pintado de preto, á maneira de fantasmas, entrãrão na sala, e 16obressalt em torno

dos convidados danças 17obressa, como se usavão nos enterros 17obress tempo; e no fim cada escravo se foi postar junto a um convidado. Passarão a servir na mesa tudo quanto se costuma a usar nos banquetes 17obressa; tudo era negro, bem como a mesma louça.

Assustados, e tremendo, os convidados 17obressa ser aquelle o ultimo dia da sua vida, e o que mais os fazia acreditar isso, era o profundo silencio que havia entre 17obr, como se já não pertencessem á classe dos vivos, e os discursos de Domiciano, que para alegrar a scena, só tratava de mortes e 17obressalto.

Finalmente acabou-se a 17obres, e os convidados forão conduzidos em liteiras e carruagens, cheios de terror, e muito mais por haverem sido antes despedidos os seus criados, que os esperavão na ante-sala. Chegados ás suas casas, e tendo apenas começado a respirar, cada um recebeu aviso de que 17obres os procurava da parte do imperador.

Julgárão se então perdidos; porêr era um criado de Domiciano que trazia á cada um a 17obres de prata que havião tido diante de si sobre a mesa; a este criado seguiu-se outro, e assim outros 17obressaltos^{17e}, trazendo todos os 17obressalt do mesmo metal primorosamente trabalhado, que havião servido ao banquete, e afinal 17obres lhes foi entregue o escravo que havia representado de fantasma, mas já ricamente vestido: passando por este modo toda a noite em 17obressal sustos e 17obressaltos, de modo que todas as vezes que recebiãõ um dos presentes de Domiciano, julgavão ser aquella a sua hora derradeira.

Viscondessa da...

O casamento entre os Tartaros Calmucos.

As mulheres calmucas andão melhor a cavallo do que os homens. Um Calmuco montado parece estar bebado, e que a cada instante vai cahir do cavallo abaixo; mas as mulheres firmão-se na sella com mais facilidade, e montão a cavallo com rara agilidade.

A cerimonia de um casamento entre os Calmucos faz-se a cavallo. A rapariga monta primeiro e larga immediatamente á desfilada. O pretendente a segue e se tem a ventura de a alcançar, fica sendo ella sua esposa, e é conduzida em grande ceremonial para a sua barraca. Acontece muitas vezes que a rapariga não gosta do homem que a pede, e neste caso ella corre de tal modo, que nunca póde ser apanhada. Assegurão os viajantes, que não ha exemplo de jámais haver por este modo casamento algum contra vontade da noiva.

Fazem as Calmucas muito bem.

Medicina domestica.

METHODO DE BOERHAAVE PARA CURAR AS SEZÕES.

O physico que acredita que o espirito e a materia obrão unisonas, não deixará de lembrar-se do modo por que este homem celebre curou as sezões em certa occasião.

Esta molestia era geral nas immediações do sitio em que habitava, e o tratamento, que até ahi lhe havia feito, pela maior parte das vezes tinha falhado. Boerhaave principiou a meditar com attenção sobre este curativo, e a final se resolveu a usar de outro em que o espirito e a materia reunidos concorressem para o fim que desejava; e para isso mandou que doze dos seus doentes, que regularmente erão accommettidos pelo meio dia dos accessos da molestia, se apresentassem em sua casa pelas dez horas da manhã. Todos vierão, e forão introduzidos na mesma sala, onde pouco depois um criado, com grandes attenções, lhes veio da parte de seu amo pedir desculpa de não ter vindo immediatamente, por se achar muito occupado; mas que pouco tardaria. Tendo dado o seu recado, o criado atçou o lume do fogão da sala, e lhe pôz em cima algumas barras de ferro. Pelas onze horas, entrou de novo o criado, desculpando a tardança do doutor, e outra vez atçou o lume, e virou as barras para as fazer em braza. Um dos doentes, levado de curiosidade, perguntou para que erão aquellas barras, e foi informado pelo criado que serião empregadas como remedio importante na cura das sezões. Esta resposta em breve foi conhecida por todos os doze enfermos, e como o criado já tinha sahido da sala, e o doutor não apparecia, mais e mais dirigião todos a sua attenção para os ferros em braza.

As conjecturas sobre o seu uso erão fortes, o criado havia dito que erão para curar os accessos das sezões, e todos os doentes já parecião sentir as dôres de um remedio tão violento, e cada um delles, passeando na maior agitação de um lado para o outro da sala, se achou brevemente em completa transpiração.

O doutor não appareceu senão pela uma hora, e a sezão, que devia sobrevir pelo meio dia, segundo o costume, não se manifestou em nenhum dos doentes, e, sendo perguntados, todos respondêrão não haverem sentido signal algum della.

Levando-os então um a um para o outro quarto, recommendava-lhes cautela e regimen, e, prescrevendo algum pequeno remedio, os despedia, dizendo-lhes que esperava lhes não fosse necessario mais nada para o seu curativo, pois que a

agitação e o susto os havião felizmente livrado de suas sezões.

— E' receita que não póde fazer mal, se não curar.

Economia domestica.

MODO DE SUSPENDER A ACÇÃO DO FOGO QUANDO TEM PEGADO NOS VESTIDOS DE UMA PESSOA.

Por muito que se Tenha fallado sobre este desastroso incidente, indicando os meios mas promptos de impedir a acção do fogo quando tem pegado nos vestidos de qualquer pessoa, não nos devemos cançar de repetir quaes sejam esses meios, afim de que sempre estejam bem presentes para na occasião porem-se em pratica, sem a hesitação de quem se lembra do remedio mas não o sabe applicar.

A posição mais perigosa á quem tem os vestidos a arder é a de se conservar em pé, porque a chamma tende sempre a subir, e mais perigoso é ainda sacudir o facto ou correr, porque o vento que isto produz dá mais força ao fogo. Quando portanto qualquer pessoa, estando só, se vir nestas apertadas circumstancias, o que logo deve fazer, quando não haja outro remedio mais prompto, é deitar-se e rolar pelo chão: se o fogo se não extinguir assim de todo, pelo menos enfraquecerá muito a sua acção. Este meio será tanto mais efficaz se houver á mão alguma cobertura de lã grossa, como um capote, um tapete, um cobertor; na qual embrulhando-se bem e rolando assim pelo chão, se conseguirá extinguir mui facilmente o fogo, e remover no mesmo instante o perigo.

MODO DE CONSERVAR AS FLORES.

E` esta uma receita que communicamos ás nossas leitoras com todo o desejo que ellas a pratiquem cuidadosamente, guiadas pela prescripção, afim de obterem o admiravel resultado de possuirem bellas e fragrantas flores precisamente na occasião em que outras iguais não possam apparecer, como acontece com as magnolias, camelias, e outras delicadas flores, que nem sempre se podem obter, e serão uma bella novidade se apparecessem. Eis a prescripção.

Escolhão-se os botões mais perfeitos das flores que se quizerem conservar, cortando-os com thesoura, e tendo o cuidado de lhes deixar pé de mais tres polegadas. Cobre-se depois de lacre a extremidade do pé, de modo que fique mui bem tapada; e tendo comprimido um pouco os botões com os dedos, e entreaberto com a unha o seu olho, embrulhe-se cada um separadamente em papel limpo e bem secco. — Assim se conservarão muitos mezes.

Para fazer abrir as flores, corta-se á noite a extremidade do pé que está coberta de lacre, e mettem-se os botões em agua levemente salgada com salitre ou sal commum. No outro dia

estarão as flores abertas, e com a mesma frescura, graça e perfume, como se fossem escolhidas de fresco.

Anecdotas.

Certo fidalgo, obrigado pela pobreza, casou com a filha de um rico lavrador, á qual de continuo procurava humilhar recordando-lhe a sua origem. Um dia que se achavão em numerosa companhia, para motejar a mulher, segundo o costume, perguntou-lhe quantas carradas de palha vendia seu pai todos os annos. « Antes do nosso casamento, lhe respondeu ella, vendia cem; mas agora não poderá vender mais de oitenta, visto ter mais uma besta a sustentar. » A risada geral que esta resposta provocou, deixou bem castigada a insolencia do orgulhoso marido.

Uma extremosa mãe, tendo visto morrer seu filho unico, entregava-se ás mais crueis e pungentes dores e lamentações. Um ministro da região que estava presente, procurou consolal-a. « Lembrai-vos, lhe disse elle, do caso de Abrahão, que tendo-lhe Deus ordenado que enterrasse com sua propria mão o punhal no coração de seu filho, elle obedeceu resignado e sem murmurar. — Ah! meu padre exclamou a afflicta senhora com a maior energia: Deus nunca teria ordenado semelhante sacrificio à uma mãe

CHARADA.

Suja ás vezes de farinha,
Indico necessidade.
Sem mim não póde brilhar
A mais faceira beldade.
Sou o terror
Do ginja avaro,
Que para a filha
Tudo acha caro.

P. de L.

A charada do n.º 5 é: *Mola*.

Acompanha este n.º 6 a estampa 367 com *toilettes* de passeio.